

O cotidiano vivido e não vivido na poesia de Bruna Beber e Jeanne Callegari

The lived and unlived everyday life in the poetry of Bruna Beber and Jeanne Callegari

SOFIA LORIE COIMBRA

Universidade Federal de Uberlândia (UFU)
E-mail: sofia.coimbra@ufu.br

ANA ÉRICA REIS DA SILVA KÜHN

Universidade Federal de Uberlândia (UFU)
E-mail: anaerica86@gmail.com

Resumo: O cotidiano sempre foi um tema recorrente na poesia, mas na contemporaneidade ele ressurgiu renovado, associado à memória tanto do vivido quanto do não vivido. Esse processo permite que, em meio às questões triviais, lancem-se questões existenciais, manifestando o sublime no ordinário. A partir das obras *Rua da padaria* (Beber, 2013) e *Miolos Frescos* (Callegari, 2015), observa-se que o cotidiano é reconfigurado por meio da memória, tornando-se uma forma de (re)criação da ocasião desejada pelo sujeito lírico. Nessas produções, o eu reflete no outro, possibilitando que, no particular, se encontre o universal. Esta pesquisa analisa uma seleção de poemas dessas obras, com o objetivo de examinar como as poetisas Beber e Callegari retratam o cotidiano, conferindo-lhe um viés lírico-objetivo, onde a poesia se volta para as coisas do mundo. Com base em um estudo bibliográfico e analítico, buscamos compreender de que maneira o cotidiano é abordado na poesia contemporânea brasileira a partir dos anos 2000.

Palavras-chave: cotidiano; memória; Bruna Beber; Jeanne Callegari.

Abstract: The everyday life has always been a recurring theme in poetry, but in contemporary times, it reemerges renewed, associated with the memory of both the lived and the unlived. This process allows existential questions to arise amidst trivial matters, manifesting the sublime in the ordinary. Based on the works *Rua da padaria* (Beber, 2013) and *Miolos Frescos* (Callegari, 2015), it is observed that the everyday is reconfigured through memory, becoming a form of (re)creation of the occasion desired by the lyrical subject. In these productions, the self reflects in the other, allowing the universal to be found in the particular. This research analyzes a selection of poems from these works, aiming to examine how the poets Beber and Callegari portray the everyday, granting it a lyrical-objective bias, where poetry turns towards the things of the world. Based on a bibliographic and analytical study, we seek to understand how the everyday is addressed in Brazilian contemporary poetry from the 2000s onwards.

Keywords: everyday life; memory; Bruna Beber; Jeanne Callegari.

“Eu é um outro”
Rimbaud

1 INTRODUÇÃO

Desde o Modernismo, a poesia passou a expressar o cotidiano de forma mais acentuada, levando os autores a versarem sobre o mundo que os cerca. A presente pesquisa visa explorar os aspectos do cotidiano na poesia contemporânea brasileira produzida a partir dos anos 2000, com base nas obras de Bruna Beber (2013) e Jeanne Callegari (2015). Para explorar essa hipótese, será utilizado o método bibliográfico, com uma abordagem qualitativa. Essa metodologia permitirá uma análise crítica e analítica das obras que compõem o *corpus* desta pesquisa, possibilitando uma interpretação abrangente dos aspectos cotidianos nelas presentes.

A partir de uma seleção das obras *Rua da Padaria* (Beber, 2013) e *Miolos Frescos* (Callegari, 2015), é possível refletir sobre o papel do cotidiano na poesia contemporânea, que surge renovado, vinculado tanto a momentos vividos quanto a não-vividos – isto é, a instantes que o sujeito lírico gostaria de ter experienciado e recria através da linguagem poética. Assim, o cotidiano se apresenta como uma recuperação ou (re)criação da memória, quando associado à linguagem, à imagem e ao som poéticos. Observa-se que, na contemporaneidade, aspectos poéticos estão profundamente conectados à vida cotidiana, emergindo em situações banais. O lirismo permite que o cotidiano, ao ser atravessado por questões existenciais, adquira um caráter sublime.

O cotidiano, associado à subjetividade e à memória, é uma das temáticas preponderantes na poesia. No entanto, observa-se uma renovação dessa temática nas obras *Rua da Padaria* (Beber, 2013), e *Miolos Frescos* (Callegari, 2015). Ao tratarem do cotidiano, ligado a momentos vividos e não-vividos, essas poetas contribuem para o (re)delineamento dessa temática na poesia contemporânea brasileira a partir dos anos 2000.

Por meio de uma análise crítica dos poemas selecionados da obra *Rua da Padaria* (Beber, 2013) – “O que dói primeiro”, “Esquina circunferência”, “O apagador” e “Maquete” –, observa-se que o cotidiano está estreitamente vinculado à memória. Nos poemas de *Miolos Frescos* (Callegari, 2015) – “Nostalgia”, “Corpo nostálgico”, “Perda” e “28 de outubro, 2012” –, o cotidiano emerge tanto de elementos vividos quanto de experiências não vividas. A obra de Agnes Heller (2016)¹, *O cotidiano e a história*, servirá como fundamentação teórica para entender como o cotidiano pode se entrelaçar à memória. Heller (2016) entende a vida habitual como uma estrutura da qual o ser humano não consegue se desvencilhar, mas que, ao mesmo tempo, não desperta aspectos marcantes no dia a dia. Por outro lado, Alfredo Bosi (2013)² destaca que o poeta enfrenta uma sensação de nostalgia diante do capitalismo desenfreado, que destrói as paisagens da infância. Incapaz de absorver plenamente o cotidiano, o poeta experimenta agora um sentimento de desencontro.

Com base na metodologia adotada, o artigo está estruturado em três partes. A primeira parte analisa os poemas selecionados da obra *Rua da Padaria* (Beber, 2013), enfocando como o cotidiano se destaca nesse conjunto e se relaciona à subjetividade e à memória de um sujeito lírico de caráter universal. A segunda parte aborda os poemas

¹ Original publicado em 1970.

² Original publicado em 1936.

de *Miols Frescos* (Callegari, 2015), investigando de que maneira a memória, tanto do vivido quanto do não-vivido, se manifesta em meio a momentos cotidianos da realidade. Por fim, a terceira parte do artigo é dedicada a reflexões sobre como as duas autoras tratam o tema do cotidiano em suas respectivas obras, apontando convergências e singularidades em suas abordagens.

2 O COTIDIANO NOSTÁLGICO EM RUA DA PADARIA

Bruna Beber, nascida em 1984 em Duque de Caxias, é poeta, tradutora, jornalista e Mestre em Teoria e História Literária pela Universidade Estadual de Campinas. Autora de nove livros, sendo seis de poesia, sua produção inclui *A fila sem fim dos demônios descontentes* (2006), *Balés* (2009), *Rapapés & Apupos* (2012), *Rua da Padaria* (2013), *Ladainha* (2017) e o recente *Veludo Rouco* (2023), publicado pela Companhia das Letras

Rua da Padaria é uma obra que percorre desde as lembranças da infância do sujeito lírico até o cotidiano. A memória se revela no ritmo, na musicalidade e no humor dos versos. O livro apresenta uma composição harmoniosa, em que os poemas se interligam por meio das memórias do sujeito. Em sua dissertação sobre a obra de Beber, Ribeiro (2022) aponta:

A organização do livro de Bruna Beber é feita da seguinte maneira, ele é dividido em duas esquinas: —esquina circunferência|| (p. 23) e —esquina parábola|| (p. 53), nomes dos poemas que sinalizam essa fragmentação. Esses foram também os nomes escolhidos para povoar o primeiro e o segundo capítulo desta dissertação. No meio dessas esquinas, o poema que ocupa o local central do livro de Bruna Beber é o seu texto mais conhecido, publicado mais de cem mil vezes no Facebook, —Romance em doze linhas|| (p. 27). Por meio dessa descoberta, nota-se que a autora teve uma preocupação formal com a organização de cada um deles, o que reflete que a memória também ocupa um lugar reverente e central na obra da poeta. (Ribeiro, 2022, p. 17)

Rua da Padaria faz referência a um local da infância da poeta, uma padaria que ela frequentava com sua avó. Era assim que os moradores se referiam a uma rua da cidade de Duque de Caxias, como a própria autora afirma em entrevista concedida às pesquisadoras Ribeiro e Silva (2022). Podemos afirmar, portanto, que a obra de Beber (2013) resgata a memória a partir de aspectos do cotidiano, como o ato de apelidar uma rua por conta de uma referência particular. Em seus versos, é possível observar como elementos do cotidiano, desde objetos até lugares, são associados à memória do sujeito lírico, de modo que a obra funciona como um mapa afetivo.

A obra é dividida em duas partes: *esquina circunferência* e *esquina parábola*, como se o ponto de referência das memórias do sujeito lírico fosse a rua da padaria. De acordo com uma das definições do Dicionário Aulete, uma circunferência é descrita como "superfície plana limitada por uma linha curva cujos pontos são equidistantes de um

ponto fixo, o centro" (Aulete, 2024). Nesse sentido, *esquina circunferência* pode ser interpretada como um ponto mais distante em relação à rua da padaria, onde o cotidiano repetitivo se sobrepõe às memórias da infância. Essa interpretação é corroborada pelos poemas numerados dessa seção: "1. o apagador", "2. o açougue", "3. a monga no circo", "4. a farmácia", "5. a violência", "6. o veículo longo", "7. a senhorinha vaca", "8. o romantismo", "9. o tomate", "10. o pecúlio" e "11. o mutismo". Esses são os únicos poemas numerados do livro, o que sugere uma escolha deliberada da poeta para indicar uma sucessão de eventos.

Nos poemas "o que dói primeiro", "a música do parque", "a grande alegria dos homens de números", "as avós e as tias", "molhar as plantas" e "bicicleta cargueira", que aparecem antes de *esquina circunferência*, assim como nos poemas de *esquina parábola* – "de castigo na merenda", "seu paquera", "maquete", "escorrego de chão", "malhar o judas" e "picolé de limão" – não há enumeração. Essa ausência de numeração pode ser interpretada como uma escolha deliberada para ressaltar que as memórias de infância, ao contrário dos eventos cotidianos mais recentes, não seguem uma estrutura fixa ou linear. Assim, os poemas não enumerados refletem a natureza fluida e não ordenada das recordações, que se destacam do presente e aparecem de forma mais dispersa e aleatória, como é próprio da memória.

Ecléa Bosi (2023)³ discorre sobre como a memória é incompreensível e não linear:

Uma forte impressão que esse conjunto de lembranças nos deixa é a divisão do tempo que nelas se opera. A infância é larga, quase sem margens, como um chão que cede a nossos pés e nos dá a sensação de que nossos passos afundam. Difícil transpor a infância e chegar à juventude. [...] O território da juventude já é transposto com o passo mais desembaraçado. A idade madura com passo rápido. A partir da idade madura, a pobreza dos acontecimentos, a monótona sucessão das horas, a estagnação da narrativa no sempre igual pode fazer-nos pensar num remanso da correnteza. (Bosi, 2023, p. 432)

Beber (2013) incorpora em sua escrita elementos característicos da poesia contemporânea, como o uso de versos livres, a ausência de rima e a irregularidade métrica. Por meio desses recursos, a autora possibilita que o leitor se depare com o cotidiano na fala relemburada dos parentes, na rotina de uma "velha passeando com o cachorro", no "tique de checar o bolso" e até no voo de um aviãozinho de papel. No entanto, sua poesia não se restringe ao discurso do outro, mas abre-se para o universal, explorado em sua obra por meio da subjetividade e da incerteza da memória. De acordo com Bosi (2013), a poesia nomeia o mundo de objetos que nos rodeiam e que constituem nosso espaço de vida, as balizas do itinerário cotidiano. O banal que compõe o mundo do sujeito lírico relaciona-se com o tema do cotidiano abordado por Heller (2016). Em sua obra, Heller discute como o ser humano que integra o cotidiano é, ao mesmo tempo, particular e genérico. Essa particularização do indivíduo se manifesta por meio da sua

³ Original publicado em 1994.

unicidade e irrepitibilidade, assim como por suas necessidades humanas. Já o genérico, presente em todo homem, é expresso em sentimentos e paixões que refletem a substância humana, mas o modo como esses sentimentos se manifestam revela as necessidades específicas do indivíduo.

Assim, por meio do individual, Beber (2013) desbrava o universal, como podemos perceber no poema “o que dói primeiro”:

o que dói primeiro

todo urubu titia gritava
urubu, urubu sua casa
tá pegando fogo

todo estrondo na rua
papai dizia eita porra
aposto qué bujão de gás

todo avião vovó acenava
é seu tio! desquentrou preronáutica
num tenho mais sossego

temi e ainda temo toda espécie
inflamável lamentei tanto urubu
desabrigado desejei o fim
da força aérea brasileira

só custei a entender mamãe
e o que queria dizer com seu irmão
não vem mais brincar com você
papai do céu levou. (Beber, 2013, p.11)

A poeta dá voz aos familiares ao reproduzir suas falas nos versos: “papai dizia eita porra/ aposto qué bujão de gás todo avião vovó acenava” e “é seu tio! desquentrou preronáutica/ num tenho mais sossego”. Beber (2013) captura o modo de falar dos parentes, trazendo para o poema a oralidade que, por sua vez, revela uma afetividade manifesta na linguagem, através das memórias ligadas à sua família.

No poema “o que dói primeiro”, o sujeito lírico compartilha com o leitor as crenças dos familiares sob uma perspectiva infantil, evidenciada pelo uso de expressões como “titia”, “papai” e “papai do céu”. Dessa forma, o poema reflete uma experiência universal: as crenças populares. A figura do urubu, por exemplo, é associada a maus presságios no imaginário popular, como se nota no verso “todo urubu titia gritava”. Se um urubu pousasse no telhado, isso indicaria que algo ruim estava para acontecer. Já no trecho “todo estrondo na rua/ papai dizia eita porra/ aposto qué bujão de gás”, há a associação entre estrondos e a explosão de um botijão de gás. A ingenuidade da avó também se revela nos versos: “todo avião vovó acenava/ é seu tio! desquentrou preronáutica/ num tenho mais sossego”, em que ela acenava a qualquer avião, acreditando que fosse o filho, que havia ingressado na aeronáutica.

As crenças mencionadas no poema despertam o imaginário infantil do sujeito lírico, que, mesmo na vida adulta, confessa temer inflamáveis, urubus e desejar o fim da força aérea brasileira. O medo não reside na crença popular em si, mas na sua perpetuação, que se consolidou como hábito. Assim, cenas cotidianas, como o voo de um urubu ou a visão de um avião no céu, evocam nostalgia no sujeito poético, levando-o a resgatar e reproduzir as falas dos seus familiares.

A partir da concepção de Heller (2016) sobre o cotidiano ser marcado pela espontaneidade, podemos concluir que essa característica, inerente ao coloquial, aparece em "o que dói primeiro" como uma motivação particular — a lembrança da família —, que também reflete uma experiência humano-genérica, ou seja, as crenças populares. Assim, o cotidiano não é apenas retratado de forma individual, mas carrega uma dimensão universal, onde o subjetivo e o coletivo se entrelaçam, reforçando a função lírica do poema.

O poema evoca a memória por meio da nostalgia derivada das falas dos familiares, utilizando eufemismos para tratar da morte do irmão, como no verso "papai do céu levou". O título, "*o que dói primeiro*", sugere que os elementos cotidianos mencionados no poema, como o "bujão de gás" ou o avião no céu, remetem ao sujeito lírico à primeira dor lembrada — a perda de um ente querido. Além disso, como o poema abre o livro, ele pode não representar necessariamente a primeira recordação do sujeito lírico, mas talvez a memória mais antiga que carrega consigo, já que a memória não segue uma linearidade rígida.

Embora a memória seja fragmentada e imprecisa, Beber (2013) a recupera em meio ao cotidiano que permeia a vida humana. Dessa forma, o poema transcende o trivial e eleva o ordinário ao sublime, refletindo como a poesia pode transformar eventos cotidianos em momentos de profunda significação. Conforme Ecléa Bosi (2023) afirma sobre a memória:

O primeiro dia de aula, a perda de uma pessoa amada, a formatura, o começo da vida profissional, o casamento dividem nossa história em períodos. Nem sempre conseguimos fixar tais divisões nada data de um tempo exterior. Quando as marés de nossa memória já roeram as vigas, o fato deriva ao sabor das correntezas. No entanto, sofremos no dia a dia a inexorável divisão que nos constrange a deixar a casa pelo trabalho, a juventude pela maturidade e nos rouba do convívio mais caro. (Bosi, 2023, p. 434)

Heller (2016) aponta que a vida cotidiana é marcada por um ritmo fixo, caracterizado pela repetição e uma regularidade rigorosa. Essa estrutura temporal pode ser observada no seguinte poema:

esquina circunferência

a velha passeando com o cachorro
os prédios assistem aos ônibus
indo para o mesmo lugar. (Beber, 2013, p.23)

A cidade e seu constante movimento permitem que o sujeito lírico capture a banalidade presente no cotidiano, o que está em consonância com as reflexões de Heller (2016). A autora afirma:

A VIDA COTIDIANA é a vida de *todo* homem. Todos vivem, sem nenhuma exceção, qualquer que seja seu posto na divisão do trabalho intelectual e físico. Ninguém consegue identificar-se com sua atividade humano-genérica a ponto de desligar-se inteiramente da cotidianidade. E, ao contrário, não há nenhum homem, por mais 'insubstancial' que seja, que viva tão somente na cotidianidade, embora essa o absorva preponderantemente. (Heller, 2016, p. 35 – grifo da autora)

O ser humano, imerso na cotidianidade, muitas vezes não consegue absorver por completo o contexto ao seu redor devido à falta de tempo. A rotina acelerada frequentemente impede a reflexão sobre as escolhas feitas durante a execução das tarefas diárias. Essa mecanicidade é retratada no poema, desde os movimentos repetitivos da "velha passeando com o cachorro" até o trajeto inalterado do ônibus que percorre o mesmo caminho diariamente.

O poema apresenta uma estrutura curta, lembrando um haicai, composto por três versos sem rima. O título faz referência ao primeiro capítulo do livro, "esquina circunferência". O aspecto central do poema é o automatismo do cotidiano, onde movimentos repetitivos e rotineiros são observados e registrados pela poeta, como no exemplo: "prédios assistem aos ônibus / indo para o mesmo lugar".

Em diálogo com a tradição, percebe-se que a mecanicidade das relações cotidianas também está presente no poema "1. o apagador":

1. o apagador

tique – de checar o bolso
o email o telefone
o relógio angustiado
exercício da ilusão
de acelerar de contar
regressivamente os passos
que me levam à hora
que marcamos – taque. (Beber, 2013, p. 29)

O poema se desenvolve no intervalo do "tique-taque" da onomatopeia, criando a impressão de que a memória é resgatada nessa breve lacuna temporal. O acontecimento do poema é moldado pela própria dimensão do cotidiano. As ações do indivíduo contemporâneo, marcadas pelo ritmo do relógio, tornam-se automáticas, e as tarefas diárias se realizam de maneira quase inconsciente, como revelam os versos: "tique – de checar o bolso/o email o telefone/o relógio angustiado". A ansiedade, expressa em: "exercício da ilusão/ de acelerar de contar/ regressivamente os passos/ que me levam

à hora/ que marcamos – taque", combina-se com a solidão, o caos e a rotina da cidade, compondo uma teia de questões que se inserem no cotidiano moderno.

No poema "maquete", por sua vez, há o resgate de uma memória infantil ambientada no espaço escolar:

maquete

o déficit de atenção
da sala passa correndo
vô sopra, vô sopra

o cdf diz cuidado jairo
a feira de ciências
é amanhã

vô sopra, vô sopra
ffuuu meu sopra
de avião fffuuu

lá se vai nosso dez
em estudos sociais
e agora jairo

qual é a moral
da história
diz a professora
tudo na vida vira poeirinha
fessora poeirinha em alto
mar meu pai que disse. (Beber, 2013, p. 59)

No poema, que apresenta um cunho narrativo e se assemelha a uma anedota, uma criança identificada como tendo "déficit de atenção", no caso Jairo, sopra um avião de papel: "vô sopra, vô sopra/ fffuuu meu sopra/ de avião fffuuue acaba", destruindo assim a maquete que seria exposta na feira de ciências: "lá se vai nosso dez/ em estudos sociais". Após o ocorrido, a professora questiona qual seria "a moral da história", e Jairo responde: "tudo na vida vira poeirinha". Um evento aparentemente banal, surgido de uma situação escolar, revela, portanto, uma questão ontológica profunda, sugerindo que o destino inevitável de todo ser humano é a transitoriedade e a morte.

Com sua obra, Beber (2013) cria um espaço para o sublime dentro dos elementos cotidianos. Através de fragmentos de memórias, que vão desde a infância na rua da padaria em Duque de Caxias, como visto em "o que dói primeiro", até lembranças mais turbulentas vividas na metrópole, exemplificadas em "1. o apagador", o eu lírico possibilita ao leitor encontrar sua própria voz ao explorar o particular, transformando o íntimo em algo universal.

3 A MEMÓRIA DO VIVIDO E DO NÃO VIVIDO EM *MIOLOS FRESCOS*

A escritora, jornalista e repórter Jeanne Callegari nasceu em Uberaba (MG). Formada em Jornalismo pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), é autora da biografia *Caio Fernando Abreu: inventário de um escritor irremediável*, publicada em 2008. Além disso, publicou os livros de poemas *Botões*, pela editora Corsário-Satã em 2018, *Amor Eterno 2*, pela editora Pitomba em 2019, e a obra analisada nesta pesquisa, *Miolos Frescos*, que, na verdade, é seu primeiro livro de poesia, lançado pela Patuá em 2015. *Miolos Frescos* revela o caráter universal da lírica, de modo que o "eu" abre espaço para um cotidiano que ressoa de forma universal, transportando o leitor para memórias que dialogam com o outro. A obra apresenta traços típicos da poesia contemporânea, como a coloquialidade, a ausência de rima e a estrutura livre dos versos.

A poesia de Callegari não se limita ao individual, mas abre espaço para a alteridade, remetendo à célebre frase "Eu é um outro", escrita por Arthur Rimbaud (1871 *apud* Collot, 2006) na *Primeira Carta do Vidente*. Por meio dessa afirmação, é possível reconhecer a presença da alteridade na poesia francesa, que atravessa desde a modernidade até a contemporaneidade, influenciando inclusive poetas brasileiros, como Mário de Andrade, em "Sou trezentos": "Eu sou trezentos, sou trezentos-e-cinquenta, / mas um dia afinal eu toparei comigo..." (Andrade, 1955, p. 221), e também na pluralidade presente na obra de Paulo Leminski, como em "Contranarciso": "em mim/ eu vejo o outro" (Leminski, 1983, p.12).

Callegari se insere nessa tradição literária, que vai de Rimbaud a Mário de Andrade e Leminski. *Miolos Frescos* percorre o itinerário cotidiano por meio da autonomia da linguagem. O sujeito lírico exterioriza tanto a si próprio quanto suas memórias e desejos, como nos poemas "corpo nostálgico" e "nostalgia", onde uma nostalgia melancólica é expressa, marcada pelo desencontro entre o presente e a lembrança daquilo que nunca foi vivido.

No poema "nostalgia" há uma exteriorização do sentimento de saudade, porém em relação ao que não foi vivido:

nostalgia

de repente uma saudade
de pegar a moto, o filho
cruzar o país de costa a costa
sentir cheiro de mar
e pisar nas folhas secas
na floresta

que até o momento
eu não tenha filho ou moto
não vem ao caso
do sentimento (Callegari, 2015,p. 11)

O título já denota a presença da saudade, mas surge renovada, pois o sujeito lírico expressa uma nostalgia por um momento ainda não vivido, representando, assim,

um desejo ou um sonho. Nos versos “de repente uma saudade/ de pegar a moto, o filho/” e “que eu não tenha filho ou moto/ não vem ao caso/ do sentimento”, percebe-se que o desejo do “eu” é substancialmente real, pois está relacionado à vontade de cruzar o país de moto, simbolizando um anseio por liberdade. Esse anseio, entretanto, transcende a experiência individual e pode ser interpretado como uma vontade coletiva: a vontade de ser livre.

De acordo com Heller (2016), o genérico contido em todo ser humano é expresso em sentimentos e desejos que refletem a substância humana, entretanto, a forma como esses sentimentos se manifestam revela as necessidades particulares do indivíduo. O sentimento de saudade e melancolia expressos pelo sujeito lírico ganham forma por meio da memória do não vivido, isto é, pela inter-relação entre nostalgia e fantasia. Além disso, o uso coloquial da linguagem e das letras minúsculas reforça o tom informal e narrativo da obra.

No poema “corpo nostálgico”, o leitor é conduzido à sensação de desencontro que o cotidiano urbano provoca no eu lírico:

corpo nostálgico

as ideias pegam metrô comigo
enquanto escrevo fotografias de infância

onde foram parar as bruxas
e os vaga-lumes

o monstro da cisterna
escapa de bicicleta

wendy se esconde
no banheiro assombrado

debaixo da mangueira trinta e dois tesouros
ainda esperam ser encontrados. (Callegari, 2015, p. 25)

A nostalgia expressa nos versos “as ideias pegam metrô comigo/enquanto escrevo fotografias de infância/onde foram parar as bruxas/e os vagalumes” une sentimento, memória e imagética, revelando uma saudade da paisagem de infância, agora devastada pelo avanço capitalista. No entanto, essa infância permanece viva, como uma fase interrompida e ainda não superada, como demonstrado no verso “ainda esperam ser encontrados”. A poeta se encontra diante de um momento de saudade em meio à trivialidade do cotidiano, que exige a rapidez da reprodução social. Em comparação com o poema anterior, “nostalgia”, o sentimento agora transcende a mera sensação e permeia todo o corpo, como sugere o título.

Por meio da linguagem, as dimensões do passado são restauradas, como exemplificado nos versos: “o monstro da cisterna/escapa de bicicleta/wendy se esconde/no banheiro assombrado/debaixo da mangueira trinta e dois tesouros/ainda esperam ser encontrados”. Além disso, o poema estabelece uma intertextualidade com

Peter Pan, de James Matthew Barrie (1911). O sujeito lírico resgata uma memória da infância ao citar elementos dessa icônica obra infantil. Isso se desenrola em um contexto no qual o indivíduo é instado a assimilar e, ao mesmo tempo, buscar a irrepetibilidade, características essenciais da condição humana, conforme discute Heller (2016).

A partir da relação entre memória e vida cotidiana, Éclea Bosi (2023) discorre:

Quem de nós já não teve a experiência de que os acontecimentos nunca se mantêm iguais depois de serem ditos? A palavra altera nossa lembrança do fato, ora tornando-o mais grave, ora aliviando-o de seu fardo molesto quando não trágico. O absurdo que ronda tantas vezes o cotidiano precisa da palavra para dar-lhe algum sentido ou, no limite, manifestar a estranheza pela sua falta de sentido. (Bosi, 2023, p. 23)

Com base nas ideias de Ecléa Bosi (2023), entende-se que a memória é fluida e suscetível a alterações pela linguagem. A poesia, ao adentrar cenários cotidianos, permite ao indivíduo manifestar seus sentimentos, os quais evocam momentos passados, seja por meio da nostalgia acolhedora, da melancolia ou até mesmo do terror. Quanto mais o sujeito lírico se afunda na particularidade de suas lembranças, mais sua poesia adquire um caráter universal.

Embora a relação entre poesia, cotidiano e memória tenha sido objeto de interesse dos poetas ao longo do tempo, na obra de Callegari (2015), o cotidiano surge com um novo enfoque. Ele ultrapassa os limites das experiências vividas, quando o sujeito expressa saudade de momentos que gostaria de ter experimentado, como no poema “nostalgia”. Assim, Callegari explora profundamente a interseção entre o cotidiano e a memória, como no poema “corpo nostálgico”, onde as lembranças emergem em meio à rotina urbana: “as ideias pegam metrô comigo/ enquanto escrevo fotografias de infância”. Dessa maneira, em meio aos reflexos condicionados pela vida diária e eventos banais, o sujeito lírico consegue tanto recuperar quanto recriar suas memórias.

Em contrapartida, no poema “perda” o sujeito lírico reflete sobre a instabilidade da memória:

perda

esses dias perdi uma memória
soltou da bagagem no dia da mudança
por sorte ficaram outros pacotes
de segundos gastos
um dia organizo um álbum
bonito, pra guardar lembranças
com legendas espirituosas
na mais perfeita ordem (Callegari, 2015, p. 53)

Por meio da objetificação da memória, como observado no verso “esses dias perdi uma memória/ soltou da bagagem no dia da mudança”, o sujeito lírico reflete sobre o esquecimento de uma lembrança. Esse processo rompe com o automatismo do cotidiano, o qual geralmente não permite espaço para reflexão, abrindo, assim, uma brecha para a autoconsciência e a reconquista da memória. De acordo com Heller (2016), é impossível distinguir claramente entre comportamento cotidiano e não cotidiano, uma vez que, mesmo nos momentos de elevação da consciência, os traços do humano-genérico permanecem presentes. Contudo, conforme sugerido nessa análise, o reflexo artístico, ao mediar e dar forma às memórias, torna-se uma maneira de romper com a tendência espontânea e não crítica do pensamento cotidiano.

Nos versos “por sorte ficaram outros pacotes/ de segundos gastos/ um dia organizo um álbum”, o sujeito lírico recorre a itens cotidianos como “bagagem”, “pacotes de segundos gastos” e “álbum”. Esses elementos comuns são utilizados para refletir a complexidade inerente à tentativa de organizar memórias, evidenciando que, mesmo quando a poesia eleva o pensamento para além da mecânica do cotidiano, ela não se separa dele. A arte, assim, permanece enraizada no pensamento cotidiano, ainda que o transcenda.

Há também uma ironia subjacente nos versos, pois o desejo de organizar as lembranças com “legendas espirituosas” e “na mais perfeita ordem” contrasta com a própria natureza fragmentada e não linear da memória. O eu lírico se contradiz intencionalmente, brincando com a ideia de organizar algo que, por definição, é desorganizado e efêmero. Esse contraste fica evidente desde o início do poema, quando o sujeito afirma ter perdido uma memória, até o final, quando expressa o desejo de colocar todas as lembranças em ordem, o que é explicitamente impossível, considerando a fluidez da memória humana.

No poema “28 de outubro, 2012”, o título aponta para um dia específico, sugerindo um recorte temporal preciso na vida do sujeito lírico. Entretanto, não se trata de um evento pessoal corriqueiro; a data refere-se a um dia de eleições, um acontecimento que mobiliza toda a nação.

28 de outubro, 2012

dia de eleição em são paulo, assisto
à apuração no apartamento da mãe
da minha amiga. a amiga está lá, sua mãe,
o irmão, o marido. comemos bolo
de mandioca e tomamos vinho em taças
pequenas, bonitas. nessa e phillip
se juntam a nós. a sala está abafada
e vamos para a varanda, de onde dá pra ouvir
a gritaria das crianças nos prédios ao redor. eu me sinto
muito produtiva: acordei cedo,
lavei a louça com meu ritual específico,
depilei as pernas, ouvi cocteau twins e escrevi um poema
sobre uma amizade perdida.
phillip lavou roupa, arrumou o quarto, limpou as mesas,

levou o lixo para fora e saiu para o samba. escrevi um
ensaio
de 585 palavras
sobre “por que não sou um pintor”, de frank’ o hara.
de repente a chuva, granizo no vidro. quando ela para,
saio. o apartamento da mãe da minha amiga
é na rua de baixo. o ar está fresco, agradável,
eu gostaria de fazer um caminho um pouco mais longo,
andar um pouco mais. chego
ao apartamento depois de errar
de elevador e abraço minha amiga. finalmente
o candidato, de camisa vermelha, aparece
para o discurso da vitória. noto, pela primeira vez,
que tem covinhas. na semana anterior, vi dez mil pessoas
na praça afirmando que havia amor em sp. o ar está
abafado
e leve. e minha amiga comenta
como é bom ter um prefeito que não menciona deus
uma única vez em seu discurso. (Callegari, 2015, p. 71)

No poema, o sujeito expressa sua visão sobre o evento, especialmente no contexto da cidade de São Paulo, uma vez que se trata de uma eleição municipal: “dia de eleição em São Paulo, assisto/ à apuração na casa da mãe”. Apesar de ser um dia atípico, momentos de trivialidade se fazem presentes: “o irmão, o marido. Comemos bolo/ de mandioca e tomamos vinho em taças”, “muito produtiva: acordei cedo,/ lavei a louça com meu ritual específico,/ depilei as pernas, ouvi Cocteau Twins e escrevi um poema”, “de repente a chuva, granizo no vidro. Quando ela para,/ saio. O apartamento da mãe da minha amiga/ é na rua de baixo. O ar está fresco, agradável.”

Após uma breve contextualização, é possível perceber que a data indicada no título do poema corresponde, na verdade, ao dia em que Fernando Haddad (PT) foi eleito prefeito de São Paulo, recebendo 3.387.720 votos, ou seja, 55,57% dos votos válidos, conforme dados do Tribunal Superior Eleitoral (TSE). Nos versos a seguir, observa-se a descrição feita pelo sujeito lírico sobre Fernando Haddad:

o candidato, de camisa vermelha, aparece
para o discurso da vitória. noto, pela primeira vez,
que tem covinhas. na semana anterior, vi dez mil pessoas
na praça afirmando que havia amor em sp. o ar está
abafado
e leve. e minha amiga comenta
como é bom ter um prefeito que não menciona deus
uma única vez em seu discurso. (Callegari, 2015, p. 71)

O candidato é descrito como um homem vestindo uma camisa vermelha, que no campo político é associado ao Partido dos Trabalhadores (PT), principalmente devido à bandeira do partido, que é vermelha com uma estrela branca. O oponente de Fernando Haddad na eleição para prefeito de São Paulo em 2012 foi José Serra (PSDB), que obteve

2.708.768 votos, equivalente a 44,43% do total. Na época, a Convenção Geral da Assembleia de Deus demonstrou apoio à candidatura de José Serra. Ao final do poema, o sujeito lírico pondera: “como é bom ter um prefeito que não menciona deus/ uma única vez em seu discurso”, revelando um sentimento de alívio pela vitória do candidato do Partido dos Trabalhadores.

É possível deduzir a partir do poema, que a vida cotidiana não está fora da história, mas, segundo Heller (2016), está no centro dos eventos históricos:

A vida cotidiana não está “fora” da história, mas no “centro” do acontecer histórico: é a verdadeira “essência” da substância social. Nesse sentido, Cincinato é um símbolo. As grandes ações não cotidianas que são contadas nos livros de história partem da vida cotidiana e a ela retornam. Toda grande façanha histórica concreta torna-se particular e torna-se particular e histórica precisamente graças a seu posterior efeito na cotidianidade. (Heller, 2016, p. 38)

Dessa maneira, mesmo o dia marcado na história como a vitória de Fernando Haddad nas urnas de São Paulo esteve inserido no cotidiano mais trivial de alguém. Sua vitória emergiu do dia a dia de vários paulistanos, alcançando o particular e o universal.

Callegari (2015) apresenta uma seleção de poemas que ilustram o cenário contemporâneo da poesia brasileira, utilizando uma linguagem coloquial e versos sem uma estrutura rígida, mas que também abordam questões que contemplam o existencialismo do homem em meio ao capitalismo, ao qual o cotidiano se adapta. Além disso, a obra explora a nostalgia que persegue o indivíduo diante da transformação cada vez mais rápida do mundo ao seu redor, refletindo sobre os desejos que ficam para trás e as memórias que escapam em meio ao caos.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em vista das obras analisadas, *Rua da Padaria* e *Miolos Frescos*, das autoras Bruna Beber (2013) e Jeanne Callegari (2015), é possível delinear um panorama da poesia contemporânea brasileira, marcada por uma pluralidade de vozes. Ambas as autoras percorrem e exploram as memórias no desenrolar do cotidiano, temática que é esmiuçada na incerteza da memória. Assim, são rememoradas as vozes de parentes, superstições e causos de infância. A memória do não vivido abre espaço para o campo do desejo, e até mesmo a lembrança de um dia corriqueiro é associada a eventos históricos, como as eleições no país.

O cotidiano surge renovado nas obras de Beber (2013) e Callegari (2015), uma vez que as poetisas encontram, em cenas mezinhas, aspectos sublimes e os relacionam à existência humana. Exemplos disso incluem a associação da finitude da vida à destruição de uma maquete na feira de ciências ou o simples ato de andar de metrô. Essa busca por significado nas pequenas experiências do dia a dia revela a capacidade da poesia de transcender o ordinário, conferindo uma nova dimensão às memórias e desejos que permeiam a vida contemporânea.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Mário de. **Poesias Completas**. São Paulo: Martins Editora, 1955.
- AULETE, C. Aulete Digital. **Dicionário contemporâneo da língua portuguesa**: Dicionário Caldas Aulete, online. Lexikon Editora digital. Disponível em: <http://www.aulete.com.br/>.
- BARRIE, James Matthew. **Peter Pan**. Clássicos Autêntica. 2017. Original publicado em 1911.
- BEBER, Bruna. **Rua da padaria**. Rio de Janeiro: Editora Record, 2013.
- BOSI, Alfredo. **Entre a literatura e a história**. São Paulo: Editora 34, 2013.
- BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**: lembranças de velhos. 3 ed. São Paulo: Companhia das letras, 2023. Original publicado em 1994.
- BRASIL. TRIBUNAL SUPERIOR ELEITORAL. **Fernando Haddad (PT) é eleito prefeito de São Paulo (SP)**. 2012. Disponível em: <https://www.tse.jus.br/comunicacao/noticias/2012/Outubro/fernando-haddad-pt-e-eleito-prefeito-de-sao-paulo-sp>.
- CALLEGARI, Jeanne. **Miolos frescos**. São Paulo: Editora Patuá, 2015.
- COLLOT, Michel. O Outro no Mesmo. **Alea**: Estudos Neolatinos, [S.L.], v. 8, n. 1, p. 29-38, jan. 2006. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/s1517-106x2006000100003>.
- FERNANDES, Pedro. Rua da padaria, de Bruna Beber. **Letras IN.verso e Re.verso**, 05 nov. 2013. Disponível em: <https://www.blogletras.com/2013/11/rua-da-padaria-de-bruna-beber.html>.
- HELLER, Agnes. **O cotidiano e a história**. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2016. Original publicado em 1970.
- LEMINSKI, Paulo. **Caprichos & relaxos**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1983.
- MARCELO, Carlos. Minha voz, muitas vozes. **Quatro cinco um**, ed. 77, 06 dez. 2023. Disponível em: <https://quatrocinco.um.com.br/resenhas/poesia/minha-voz-muitas-vozes/>.
- MULLER, Fabricio. “Miolos frescos”, de Jeanne Callegari. **Fabricio Muller**, 28 fev. 2016. Disponível em: <https://fabriciomuller.com.br/wp/?p=2405>.

RIBEIRO, Maria Eduarda Nascimento. **Os desdobramentos da memória em Rua da padaria (2013) de Bruna Beber**. 2022. 108 f. Dissertação (Mestrado em Linguística e Literatura) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2022.

RIBEIRO, Maria Eduarda Nascimento; SILVA, Susana Souto. Olhar com atenção e minúcia: a poesia de Bruna Beber. **Revista Leitura**, v. 1, n. 74, p. 144–148, 2022. Disponível em: <https://www.seer.ufal.br/index.php/revistaleitura/article/view/14062>.

RIBEIRO, Maria Eduarda. Alguns percursos da metapoesia em Ladainha (2017) e Rua da Padaria (2013) de Bruna Beber. **Cadernos Cênicos**, v. 2, n. 2, p. 14-14, 2020. Disponível em: <https://www.seer.ufal.br/index.php/CadCenicos/article/view/10599/7614>.